

EXPRESSÃO LINGUÍSTICA DE JOGADORES DE FUTEBOL: um olhar sociolinguístico

Allan Cordeiro Oliveira Ramos (IC) e Regina Helena Pires de Brito (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

A língua, por sua amplitude, adequa-se a diferentes contextos de fala, de acordo com o grau de formalidade da situação. Constituída como um dos principais fatores identitários e culturais, é natural que os falantes recorram a estruturas menos complexas, como expressões populares, como ocorre com expressões oriundas do futebol, esporte apreciado por grande parte da população brasileira. Pela possibilidade de ascensão que a carreira futebolística oferece, parcela considerável dos atletas é de origem humilde, o que, muitas vezes, dificulta o acesso à educação formal. Dessa maneira, ao alcançar um nível econômico elevado, muitos jogadores, ao se expressarem, revelam traços de uma baixa escolarização. A partir desta constatação, esta pesquisa se centra no estudo desse tipo de uso da linguagem, focalizando algumas expressões futebolísticas e, ainda, como são utilizadas no cotidiano, em outros contextos. Para tanto, temos como base teórica a Sociolinguística, que abarca a relação entre língua e sociedade, considerando a heterogeneidade, fator comum a todas as línguas naturais. No entanto, algumas variedades são alvo de preconceito, praticado por aqueles que usam a gramática como modelo de norma a ser seguido. Por isso, muitos profissionais do futebol sofrem discriminação pela maneira como falam, fenômeno característico ao grupo e principal objeto do estereótipo dos jogadores. Assim, este trabalho apresenta breve análise das relações que esse discurso estabelece e como ele varia em diferentes momentos do futebol.

Palavras-chave: Sociolinguística. Jargão futebolístico. Variação linguística.

ABSTRACT

The language, due to its amplitude, fits different speech contexts, according to the situation's level of formality. Constituted as one of the main identity and cultural factors, it is natural that the speakers appeal to less complex structures such as popular expressions, like what happens with expressions that comes from football, sport appreciated by a big part of the Brazilian population. Because of the possibility of rising that football career provides, a considerable parcel of the athletes is from modest origin, which, many times, turn difficult the access to the adequate education. That way, by reaching an elevated socioeconomic level, several players, when expressing, show features of an insufficient education. From these conclusions, this research concentrates on the study of this sort of language usage, focusing

on some football expressions and, still, how they are used in our daily life, in another contexts. For this purpose, our theoretical basis is the Sociolinguistics, that covers the relation between language and society, considering the heterogeneity, common factor to every natural language. However, some varieties are prejudice target, practised by the ones who use grammar as a model of norm to be followed. Therefore, many professionals suffer discrimination because of the way they speak, phenomenon that is common to the group and main object of the stereotype of the players. Thus, this work aims to carry out a brief analysis of the relations that this discourse establishes and how it varies in different moments of football.

Keywords: Sociolinguistics. Football jargon. Linguistic variation.

1. INTRODUÇÃO

O futebol é um importante marcador identitário da cultura brasileira. Embora sua origem esteja vinculada a antigos rituais de guerra, o futebol como conhecemos hoje surgiu apenas em 1836, com a criação da *Football Association (FA)*. O esporte aos poucos se tornou marca registrada do nosso cotidiano, estando presente em variadas manifestações culturais, tais como obras literárias, programas de TV, jornais, músicas, peças teatrais e outras produções artístico-culturais. Sendo um dos representantes do Brasil no que diz respeito à cultura, o futebol, por sua amplitude, desfruta de certa autonomia entre aqueles que praticam ou estão de alguma forma relacionados ao esporte, ou seja, existem algumas regras e comportamentos aceitáveis que são intrínsecos ao meio futebolístico.

Nesse âmbito, o futebol fornece material para diversos campos de estudo, como, dentre outros, a Sociologia, a História e a Linguística. Como língua e cultura estabelecem uma relação de interdependência, o futebol, como aspecto cultural, também possui suas particularidades linguísticas, marcadas por recursos compartilhados pelo grupo formado por jogadores e profissionais da área. Embora este não seja o centro desta pesquisa, vale ressaltar que, assim como a própria prática do esporte, também o léxico futebolístico foi importado da Inglaterra. Alguns vocábulos têm similaridade fonético-fonológica português/inglês, mesmo que as grafias sejam distintas, como *gol/goal*, *chute/shoot*.

Tão importante quanto a prática do esporte, a linguagem usada pelos jogadores é fundamental para a caracterização do meio, responsável pela identificação dos profissionais em detrimento do restante da sociedade. Pelo seu dinamismo e riqueza, grande parte das expressões tipicamente futebolísticas acabou por ser incorporada ao vocabulário cotidiano do brasileiro, sendo que, apesar das mudanças de significados, o sentido semântico permanece o mesmo. Como exemplo, podemos destacar as expressões “pisar na bola”, que, assim como no campo, refere-se a um ato irregular ou mal aplicado; ou “cartão vermelho”, que apresenta uma clara reação de desaprovação.

Ainda no tocante a expressões semanticamente similares, o futebol, além de fornecer formas utilizadas no linguajar popular, também faz o inverso ao nomear, mesmo que informalmente, determinados movimentos e espaços, como “banheira”, área do campo que possui um formato semelhante ao do objeto; ou “chapéu”, drible que recebe esse nome por ser completado quando um jogador “joga” a bola acima da cabeça do adversário.

Apesar do intercâmbio entre a linguagem do futebol e os coloquialismos, os jogadores ainda sofrem preconceito por aqueles que julgam determinados usos da língua como um parâmetro de grau de escolaridade. De fato, uma parcela considerável dos jogadores brasileiros possui uma educação formal considerada de qualidade inferior, quadro aplicável à

grande parte da população brasileira¹, devido, entre outros fatores, ao baixo nível socioeconômico. Por suas condições econômicas, alguns jogadores não dispõem de uma instrução linguística que lhes possibilite o acesso a determinadas estruturas mais formais da língua. Por isso, o *futebolês* é fortemente marcado por repetições, carregado de vícios e inadequações, razões pelas quais muitas vezes ocorre a discriminação contra jogadores.

Mais do que isso, deve-se considerar que, por sua dinamicidade, o futebol permite que os jogadores se comuniquem publicamente em diversos momentos de sua rotina: na beira do campo, após o jogo; em entrevistas coletivas; em entrevistas individuais e descontraídas. Esse rol de opções permite que também seu linguajar se adeque às demais situações de exposição e seja influenciado por fatores correntes em determinados momentos.

Neste panorama, insere-se este estudo, que tem como objetivo principal identificar e caracterizar aspectos da variação linguística, presentes em discursos de jogadores de futebol brasileiros, coletadas em situações específicas. Para tanto, esta pesquisa baseia-se na Sociolinguística, disciplina que abarca o estudo das relações entre língua e sociedade, firmando a ideia de que ambas são estritamente relacionadas.

Desta forma, para atingir os objetivos desta pesquisa, quais sejam, o levantamento, a descrição e a análise de expressões específicas do discurso produzido por jogadores de futebol em situações distintas (formalidade/informalidade), nas quais emergem variações diatópicas e diastráticas, recorre-se à teoria da variação linguística, conforme apontadas por: Mollica e Braga (2004), Bortoni-Ricardo (2005), Calvet (2007), Bagno (2012) e Cezario e Votre (2012). Com relação às especificidades do discurso futebolístico, recorre-se, preliminarmente, aos estudos realizados por: Capinussu (1988), Oliveira (2015) e Rodrigues (s/d). Destaca-se que o *corpus* para análise foi selecionado a partir de entrevistas realizadas em programas esportivos como: Globo Esporte, entrevistas de clubes de futebol e de emissoras esportivas (SporTv, mais especificamente). Selecionamos, preliminarmente, 10 entrevistas de jogadores em situação de final de jogo e em entrevistas coletivas. No entanto, para efeito de análise, foi feito um recorte que apresenta duas entrevistas, quais sejam: dos atletas Kaká (do São Paulo Futebol Clube, datada de 03 de outubro de 2014) e Douglas (do Grêmio, datada de 12 de agosto de 2018). Os trechos selecionados foram devidamente transcritos para a realização das análises.

¹ Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007/2015. Disponível em: <<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>>. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1. Linguagem, sociedade e futebol

2.1.1. Sociolinguística e Variação

A Sociolinguística, ainda no início, além de sugerir o estudo linguístico relacionado com a sociedade, também define sua natureza heterogênea. Sendo a língua um instrumento de representação da sociedade e cultura, ela não poderia apresentar apenas uma face, pois sua estrutura é alterada de acordo com a evolução da sociedade. Assim, “não há consenso sobre o modo de tratar e explicar a questão entre língua e sociedade” (ALKMIN, 2001, p.28).

Muitas são as possibilidades que a Sociolinguística oferece para a descrição e análise, sendo, portanto, incontáveis o material que a ela serve como motivo para pesquisa. Nesse âmbito, insere-se o discurso das práticas esportivas, entendendo o esporte como um amálgama social, que possibilita relações entre diferentes camadas sociais, com sujeitos muitas vezes de origens geográficas distintas, em circunstâncias também distintas. É, assim como o próprio ato de praticar o esporte, um fator marcante para a identidade deste grupo. No Brasil, talvez pela popularidade do esporte e pelo apreço comum da população, essa linguagem é usada não apenas pelos profissionais da área, mas ultrapassa os limites do campo e, recorrentemente, é incorporada ao cotidiano linguístico dos falantes. Nesse aspecto, podem-se destacar algumas expressões do futebol incorporadas ao cotidiano das pessoas e, comumente, com significados diferentes dos originais. Exemplos disso são as expressões: “pisar na bola”, “cartão vermelho pra ele”. Nesses casos, essas expressões não possuem o mesmo significado designado pelo futebol, mas uma conotação de advertência. Em muitas ocasiões, por exemplo, há a necessidade de adaptar nosso linguajar aos jargões do futebol devido à “falta” de vocabulário para designar fenômenos futebolísticos. É evidente que, no contexto futebolístico, os termos “pedalada” e “bicicleta” não se referem à prática do ciclismo, mas nomeiam movimentos frequentes no futebol.

Conforme o estudo de Cezario e Votre (2012, p.141), “a Sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística”. Um dos objetivos centrais dos sociolinguistas é entender quais são os principais fatores que ocasionam a variação linguística, já que esta não é vista como um efeito do acaso, mas sim como um fenômeno cultural, que pode ser favorecido ou inibido por fatores linguísticos (fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical, estilístico, pragmático etc.) e por fatores extralinguísticos (origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, faixa

etária, sexo, grupo profissional, meios de veiculação etc.), conforme enfatizam Cezario e Votre:

A variação configura-se como um conjunto de elementos diferentes de outro, conjunto de outro grupo, de outra localidade ou de outro contexto. O linguista pode demonstrar que a variação é previsível e determinada por fatores linguísticos e/ou extralinguísticos [...]. (CEZARIO; VOTRE, 2012, p.146).

Os tipos de variação linguística distribuem-se tanto numa perspectiva diacrônica quanto sincrônica, sendo classificados como: variação diatópica – observa os usos de acordo com o espaço físico; variação diastrática – analisa os usos nos diferentes estratos sociais, etários e profissionais; variação diamésica – atenta para os usos nos diversos meios de comunicação; variação diafásica – centrada no estilo. Esta pesquisa, considerando o *corpus* escolhido e o objetivo traçado, centra-se no exame e análise da variação diastrática; no entanto, eventualmente e sempre que necessário, para complementar as considerações feitas, os outros tipos de variação podem ser abordados.

2.1.2. Futebol e identidade

O futebol certamente é uma das expressões culturais mais comuns aos brasileiros e está presente no cotidiano de quem quer que viva no Brasil, com poucas exceções. Sua influência atinge diversos núcleos da esfera social, mesmo aqueles que não possuem clara relação com o futebol ou qualquer outro tipo de esporte. Podemos considerar que, por sua ampla circulação, o futebol se estabelece em nossa cultura, criando vínculos que, além de denunciarem o apreço pelo esporte, também o transformam em um dos mais sólidos objetos de entretenimento do brasileiro médio.

Com sua solidificação no cotidiano, também as expressões utilizadas no meio futebolístico – o *futebolês* – permeiam o falar popular, como enfatiza Oliveira (2015, p.02): “Por ser tão importante e significativo, as expressões vindas do futebol estão sempre presentes no nosso vocabulário e são utilizadas corriqueiramente pelos falantes do português”. Mais do que isso, as expressões oriundas do futebol não exigem que o falante obtenha um conhecimento prévio acerca do esporte, pois, de modo geral, muitas delas já estão cristalizadas na língua. Por isso, é perfeitamente adequado o uso de expressões como “pisar na bola”, mesmo que o falante desconheça o esporte.

Este fenômeno pode ser facilmente associado à ideia de motivação semântica que, segundo Wilson & Martelotta (2012, p.75), “[...] está relacionada a processos analógicos associados aos sentidos das palavras”. Portanto, as expressões utilizadas por jogadores de futebol, originalmente usadas em outros contextos, e então transpostas para o meio futebolístico, podem ser justificadas pela relação semântica estabelecida entre ambas as situações. Não é estranho, por exemplo, que os profissionais se utilizem de expressões como

balançar o véu da noiva, que, de acordo com Capinussu (1988, p.34.), se refere, em sentido denotativo, ao ato de sacudir o véu da noiva, mas, em sua função conotativa, é “marcar um gol com a bola balançando a rede”. A rede, por sua vez, se assemelha a um véu por sua estrutura vazada, como uma renda, tecido usado para a fabricação do véu.

De maneira semelhante, há expressões criadas para fins esportivos que adotamos ao nosso linguajar cotidiano por meio da motivação semântica. “Pendurar a chuteira”, em seu sentido figurado, se refere à aposentadoria do atleta. Entretanto, é perfeitamente compreensível se usada ao referir-se a uma profissão distinta.

Esses termos e expressões, geralmente, recebem significação diferente no cotidiano e sua semântica pode estar relacionada a vários assuntos e contextos. Exemplos disso podem ser quando se fala que alguém: “pisou na bola”, “está fazendo firula”, “deixou alguém de escanteio”, “está driblando o desemprego”, “joga nas onze”. Expressões como essas são bem comuns na linguagem cotidiana e já fazem parte do vocabulário de muitas pessoas. (RODRIGUES, s/d, p.08).

Este fenômeno, compreendido como motivação semântica, centra-se especialmente na metáfora, figura de linguagem em que o sentido figurado se dá por meio de comparações. Grande parte do vocabulário utilizado por futebolistas são metáforas de vocábulos que já possuem significações anteriores. Assim, apesar do vocabulário autêntico, o futebol brasileiro não possui um linguajar completamente original, mas transita entre expressões cotidianas, dando a elas novos significados, que, muitas vezes, recebem maior notoriedade que os originais.

Esse intercâmbio, no entanto, adequa-se à cultura em que o futebol é praticado. Isso explica por que o linguajar, apesar de específico, apresenta diferentes expressões, de acordo com a localidade do falante, justificando uma variação diatópica. Exemplo disso são as diferentes formas usadas para nos referirmos ao mesmo movimento do futebol. Enquanto ao sul do Brasil usam-se chapéu ou lençol, que, segundo Riboldi (2017, p.16) é um “drible em que o jogador é encoberto pela bola. [...] Maneira inteligente de passar pelo adversário, jogando a bola por cima dele – daí o nome chapéu – e recuperando-a mais adiante”, no Nordeste do país, a expressão equivalente é *banho de cuia*, que faz menção ao hábito de tomar banho com o auxílio de um recipiente, a cuia.

Neste contexto, vale a pena citar exemplos de outros países cuja língua oficial é a Portuguesa. Em Portugal, e em outros países de colonização portuguesa, por exemplo, as expressões e vocábulos usados soam mais arcaicos e formais, se comparados às brasileiras. Enquanto no Brasil os calçados usados pelos jogadores são chamados de “chuteiras”, em Portugal, eles são conhecidos como “botas de futebol”, termo que nos parece menos prático, contraposto à agilidade exigida pelo esporte, mas fiel ao Português europeu, que, ao longo

do tempo, sofreu menos alterações e recebeu menos influência externa que o brasileiro. Aqui, nota-se também que, por se relacionar à cultura, a língua é um objeto calcado nas referências culturais, o que pode ser exemplificado pela nomeação da bola da Copa do Mundo de 2014. Em terras brasileiras, ela foi batizada de “brazuca”, termo que possui sentido afetivo, e denota brasilidade. Em Portugal, por outro lado, ela é apenas a “bola oficial da copa do Brasil 2014”, expressão que não exprime nenhuma relação de afinidade com o torcedor.

O escritor timorense Luís Cardoso registra, no seu romance *Crónica de Uma Travessia: a época do Ai-Dik-Funam* (2002, p.64), expressões comuns ao espaço lusófono, mas distintas dos usos do Português brasileiro:

Domingo à tarde era dia de futebol. Havia **equipas** [equipes] de Díli, filiais da metrópole como o Benfica, Sporting, Académica, as regionais Aileu e Café e a nativa União com os seus jogadores e dirigentes saídos das escolas missionárias. O estádio ficava junto ao mercado que oferecia outro atractivo aos homens dos bairros periféricos, com a luta de galos e as respectivas apostas cujas vitórias eram saudadas longamente com **aclalas** [gritos de guerra] ruidosas que se sobrepunham às vozes de *sai-asso* com que os magalas estacionados em Díli saudavam os árbitros. Tinha simpatia pela Académica onde militava o meu irmão, cujas **botas** [chuteiras] eu engraxava como se o melhor brilho lhe proporcionasse uma maior *performance*. Havia o José Alexandre Gusmão, **guarda-redes** [goleiro], um ex-seminarista que escrevia sonetos e **criava frangos na baliza** [ou seja, colecionava frangos no gol]. (grifo nosso).

Tendo em vista a autenticidade dos jargões futebolísticos e sua presença no léxico brasileiro, cabe à sociolinguística investigar esse fenômeno. A partir do pressuposto de que a Sociolinguística considera a importância social da linguagem (MOLLICA, 2004, p.10), a linguagem do futebol, embora pouco estudada, ganha notoriedade devido ao seu aspecto social. A Sociolinguística, por sua vez, nos oferece inúmeros instrumentos de descrição e análise e, por isso, incontáveis materiais, tais como o discurso esportivo, servem a ela como objeto de estudo.

2.1.3. Preconceito linguístico no futebol

Sendo praticado pela elite brasileira para melhorar o desempenho em outras áreas, o futebol, antes um auxiliar de rendimento, aos poucos se tornou um dos principais, senão o principal esporte para o cidadão brasileiro. Assim como hoje os jogadores de origem mais humilde são alvo de críticas devido ao linguajar usado, distante da norma padrão, os times de classes inferiores também sofriam discriminação. Ainda hoje, essa discriminação existe, mas na forma de preconceito linguístico:

A linguagem futebolística geralmente é vista de maneira preconceituosa pela sociedade, sendo considerada pobre ou carregada de vícios. O grupo específico dos jogadores é alvo frequente da discriminação, porque quase sempre tem baixa escolaridade. Contudo, todo grupo linguístico traz suas

contribuições para a língua, auxiliando na construção e evolução da sociedade. (RODRIGUES, s/d, p.01).

A autora enfatiza a baixa escolaridade, comum a um grupo relevante de jogadores brasileiros. Essa defasagem se dá, na maioria das vezes, devido à classe social em que se situam esses atletas e que, portanto, exerce papel fundamental na alfabetização e aquisição de linguagem. Calvet (2007, p.87) ressalta a facilidade que crianças “favorecidas” possuem em relação às normas adquiridas durante a infância. Enquanto as crianças “não-favorecidas” dominam apenas sua própria norma, as “favorecidas” têm acesso à norma padrão e não – padrão, o que denota certa vantagem em relação às crianças de origem mais humilde, pois, enquanto aquela será capaz de se comunicar em variadas situações de comunicação, esta não terá acesso a outros padrões da língua.

Dessa forma, mesmo que se tornem bem-sucedidos e tenham a possibilidade, financeiramente falando, de adquirir a estrutura padrão da língua, é natural que os jogadores não o façam, e parte disso se deve à cristalização de determinadas expressões e maneiras de falar do grupo. Contudo, à visibilidade que a classe recebe, por estar frequentemente em contato com as mídias, soma-se o preconceito linguístico, muitas vezes justificado pelo fato de serem pessoas públicas. Nessa esfera, recorremos a Bagno (2012, p.21), que afirma que “ao jogador de futebol, quase sempre de origem social humilde e sem acesso às práticas de letramento mais prestigiadas, não podemos cobrar o conhecimento dos avanços da pesquisa acadêmica no campo da linguagem”. Se ao jogador faltaram, quando lhe era necessário, os instrumentos de letramento, não devemos julgá-lo pela maneira como fala, ainda mais se levarmos em conta a quantidade de profissionais que se expressam semelhantemente, fato que deslegitima parte do preconceito.

Desse modo, se, além do vocabulário, a entoação, sintaxe e outros fatores são compartilhadas, tudo nos leva a crer que os jogadores possuem um linguajar marcado por – principalmente – ignorância em relação à norma padrão, mas também por uma combinação de outros fatores linguísticos. No entanto, o preconceito adotado contra o grupo é, de certa forma, inadequado, visto que o linguajar futebolístico impregna o falar popular a todo o momento sem que haja reações negativas para este fenômeno.

O afastamento da norma padrão se deve, na maioria das vezes, ao nível de escolaridade, que, por sua vez, se relaciona ao nível socioeconômico do falante. A escola, elitista por natureza, dispõe de “práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado, tomando-se como referência o padrão culto” (MOLLICA, 2004, p.13), o que dificulta a inserção de outras variáveis no sistema de ensino, especialmente naquele a que têm acesso os alunos de origem mais simples.

Apesar disso, alguns jogadores fogem do estereótipo ao qual pertencem os profissionais do futebol, pela desenvoltura do discurso e, o que mais se destaca, pelo vocabulário utilizado. O jogador Kaká, por exemplo, possui esse perfil. O atleta pertence à classe média e, provavelmente, teve acesso a uma educação de qualidade superior, o que contribuiu para que ele se tornasse poliglota (domina o italiano, espanhol e inglês), pouco frequente aos colegas de profissão. Em entrevista de 2012, Kaká se utiliza de palavras pouco utilizadas, tanto por jogadores, quanto por usuários “comuns” da Língua Portuguesa: “estipularam” e “mútuo”, além da construção sintática gramaticalmente correta.

Exceções como esta podem revelar que há uma relação entre os estratos sociais e as variedades linguísticas. A norma utilizada por falantes mais humildes é altamente estigmatizada pelo senso comum, que, por sua vez, tende a privilegiar a gramática normativa, utilizada pela elite e, conseqüentemente, a praticar o preconceito linguístico, amplamente combatido pela sociolinguística. Nesse sentido,

[...] Toda língua portanto apresenta variantes mais prestigiadas do que outras. Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima. (MOLLICA, 2004, p.13).

Isso indica que, nem a escola, nem a sociedade, dispõe de recursos para combater o preconceito linguístico e lidar com as diferentes variedades, que são legítimas, devido ao estado natural da língua: a variação. Dessa maneira, Bagno (2012, p.38), se refere à variação como o primeiro grande polo de uma sociedade linguística, seguido pela norma padrão:

O que temos nas sociedades complexas e letradas é uma realidade linguística composta de dois grandes polos: (1) a variação linguística, isto é, *a língua em seu estado permanente de transformação, de fluidez, de instabilidade* e (2) a norma-padrão, produto cultural, modelo artificial de língua criado justamente para tentar “neutralizar” os efeitos da variação, para servir de padrão para os comportamentos linguísticos considerados adequados, corretos e convenientes. (grifo nosso).

Assim sendo, a discriminação contra variedades que possuem menor prestígio social acaba por se tornar descabida, visto que as mudanças na língua têm razão de ser e são explicáveis; portanto, o discurso futebolístico se solidifica como um elemento intrínseco ao esporte e como um aspecto que caracteriza o grupo e lhe confere autenticidade.

2.1.4. Análise de entrevistas

Para esta pesquisa, foram selecionadas entrevistas de discursos que chamaremos de: (1) discursos pasteurizados, que representam as entrevistas em que o jogador se enquadra no padrão seguido pela maior parte dos jogadores de futebol, com um vocabulário e entoação

semelhantes, e (2) discursos autênticos, que representam as entrevistas em que os jogadores fazem uso de estruturas melhor aceitas pela norma padrão, além do vocabulário mais rebuscado.

Para a transcrição das entrevistas coletadas, foram utilizados determinados sinais e pontuações que facilitam a compreensão dos diálogos. A saber:

Quadro 1. Códigos de transcrição

Dois Pontos	Prolongação da última sílaba da palavra em questão
Reticências	Pausa prolongada entre duas palavras
Palavras em itálico	Estruturas que não correspondem à norma
Sílabas com letras maiúsculas	Sílabas tônicas, geralmente pronunciadas incorretamente, de acordo com a gramática normativa

Fonte: autor

Abaixo, há uma transcrição de uma entrevista do jogador Douglas, cedida à SporTv. A letra R representa, aqui e nas próximas transcrições, o Repórter. As letras D e K representam, respectivamente, os jogadores Douglas e Kaká.

Figura 1. Entrevista de Douglas, concedida ao Globo Esporte.



(Foto/Reprodução: Globo Esporte). Disponibilidade e data de acesso: verificar próxima nota de rodapé.

Qr code dá acesso à entrevista com o jogador Douglas, do Grêmio.

R: Ao meu lado o maestro Douglas, lembra quando tinha sido o último gol, Douglas?

D: O último foi:::... pela Copa do Brasil, contra o Cruzeiro.

R: Doze de outubro de dois mil e dezesseis. Como já tinha voltado e hoje, enfim, voltou com o gol...

D: Ah, feliz... feliz pela... pela retomada, né, pela sequência... né, pelo gol, óbvio, dá muito mais confiança pra... né, pra poder seguir... a gente fez um grande jogo também... enaltecer nosso... nosso elenco que... mais uma vez foi muito feliz hoje... né, então *vamo... vamo procurá dá* sequência no trabalho.²

Esse diálogo representa, em partes, o discurso pasteurizado dos jogadores. A princípio, percebemos que o falante não faz uso de palavras pouco comuns, cuja estrutura lexical seja complexa. Morfologicamente, também não se notam grandes variações, pois as classes de palavras seguem o mesmo padrão, em que predominam substantivos ou verbos substantivados. No final, temos a apócope³ do morfema -s, marcador de plural, e do -r, que sinaliza o modo infinitivo. Segundo a gramática normativa, a construção correta seria: “vamos procurar dar...”

No entanto, o que mais chama a atenção do ouvinte é que o jogador dificilmente foge do padrão de escolha de vocabulário seguido pelos profissionais da área. Este conjunto, por ser tão característico, acaba por ser o fator mais estereotipado do discurso futebolístico. Assim, quando usado para fins humorísticos, por exemplo, a fala dos jogadores sempre se enquadrará na mesma moldura, pois, habitualmente, a prática humorística sempre busca os estereótipos das profissões, que, quase sempre, são identificadas pelos jargões.

Aqui, devemos destacar a quantidade de pausas contidas em apenas alguns segundos de fala. Acreditamos que o principal motivo para este fenômeno seja a dupla função que exercem os pulmões neste contexto. Esta entrevista foi realizada na beira do campo, prática comum aos finais das partidas, e, portanto, o jogador, por estar exausto, busca o ar dos pulmões. Contudo, além de fazer parte do sistema respiratório, o pulmão é o principal órgão do aparelho fonador. Neste sentido, ao desempenhar duas ações simultaneamente (falar e respirar), as pausas são necessárias para que, entre uma frase e outra, os pulmões possam exercer seu papel no sistema respiratório.

Abaixo, transcrevemos uma entrevista coletiva do jogador Kaká, que, como dito anteriormente, teve, na infância, uma condição financeira que lhe possibilitou o acesso a uma educação básica que contribuiu para a construção de seu amplo repertório linguístico.

² Disponível em: <<https://www.facebook.com/Globoesportecom/videos/10156781460435409/>>. Acesso em: 01 de agosto de 2019.

³ Apócope: em Língua Portuguesa, refere-se à supressão no final da palavra.

Figura 2. Kaká em coletiva de imprensa pelo São Paulo Futebol Clube.



(Foto/reprodução: São Paulo FC). Disponível e data de acesso: verificar próxima nota de rodapé.

QR Code dá acesso à entrevista com Kaká.

R: Kaká, você não está acostumado com isso, obviamente, mas os campeonatos aqui no Brasil não param nas datas FIFA... os jogadores ficam felizes de serem convocados, no caso você e o Souza como atletas do São Paulo, mas o clube não gosta... perde atletas importantes em uma reta final da competição, como é o Brasileiro... o que que um atleta experiente como você pensa sobre isso?

K: Eu penso o que eu venho falando com vocês aqui, que seleção é um prêmio... e esse prêmio chegou pra mim nesse momento... então:: são dois jogos, na China, em Singapura, Argentina, Japão, e eu tô muito feliz de receber esse prêmio... e agora eu vou servir à seleção... São Paulo eu vou ficar fora por três jogos, acredito que o São Paulo... por isso que eu reforço sempre o conceito de grupo... por causa dessas coisas, desses momentos... eu acho que o São Paulo tem um grupo forte pra suprir essas ausências minha e do Souza nesse momento... e:: agora volta de novo a questão de calendário... e ai é uma discussão que precisa ser revista... que é a questão do calendário... pra não prejudicar os clubes brasileiros nesse caso, porque lá fora param os campeonatos... os clubes jo... as seleções jogam e depois voltam os campeonatos, então é uma questão de calendário que precisa ser novamente discutida e, claro... de uma certa forma decidida pra não ficar só em ideias e projetos...⁴

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SprKTTKMofE>>, 1:55 – 3:20. Acesso em: 01 de agosto de 2019

Como podemos notar, o vocabulário do jogador é muito mais diversificado e articulado que o anterior. Claro que a comparação não é completamente justa, se considerarmos que são situações distintas: nesta entrevista, o jogador dispõe de um conforto e preparo que o outro não possuía. Contudo, o que nos interessa neste momento é a variedade social.

Além do vocabulário variado, as palavras usadas também ganham notoriedade por se distanciarem daquelas que se enquadram no uso cotidiano dos jogadores. A palavra “suprir”, por exemplo, raramente é usada pelo grupo, pois, em contextos semelhantes, os profissionais recorreriam a sinônimo mais simples (preencher, completar etc.). As classes de palavras também são utilizadas de uma maneira mais ampla, pois temos uma frequência maior de advérbios e menos substantivações. Outro fenômeno ausente é a supressão de morfemas. Há uma aférese⁵ e uma apócope (estou > *tô*), que não conferem alteração no significado, pois, além de serem cristalizadas pelo uso, o tempo, número e pessoa do verbo permanecem intactos.

As pausas, apesar de em menor quantidade, podem ser encontradas na fala do Kaká, porém, ao contrário da entrevista anterior, elas não são causadas pela exaustão física, mas funcionam como ganhador de tempo durante a entrevista.

Quanto à variação diafásica, destacamos que, em entrevistas realizadas à beira do campo, os profissionais se comportam diferentemente, devido a diversos fatores extralinguísticos, tais como emoção do momento, forma de abordagem do repórter, situação da equipe, etc. Quando o time é derrotado, por exemplo, os jogadores podem transferir a emoção para o discurso, resultando em respostas rudes. Além disso, por ser uma situação de estrita oralidade e não haver preparação prévia, mesmo que a entrevista seja veiculada em rede nacional, como é o caso das selecionadas, a linguagem é menos monitorada do que em casos de entrevistas coletivas.

No entanto, essa monitoração está relacionada com o conhecimento que o falante possui de sua língua – nas palavras de Bortoni-Ricardo (2005, p.29.): “o grau de monitoração que um falante pode conferir à sua fala vai depender dos recursos comunicativos que ele já adquiriu, no contato com a língua escrita e com eventos monitorados de linguagem oral”. Portanto, a capacidade de monitoramento que o falante possui sujeita-se à instrução adquirida durante a formação do repertório linguístico. Desta maneira, não importa qual seja o contexto

⁵ Aférese: supressão no início da palavra

comunicativo e a formalidade da situação, o jogador, para que se monitore mais ou menos, estará sempre sujeito aos recursos linguísticos que possui.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou enfatizar, a partir da análise ligada à variação linguística do universo futebolístico, as relações sociais que a língua estabelece, fato inerente à própria linguagem humana, posto que a heterogeneidade é um fator comum a qualquer língua natural, fazendo parte de sua própria constituição como um elemento cultural e identitário.

Devido à sua maleabilidade, a língua varia de acordo com fatores linguísticos e extralinguísticos. Em contrapartida, apesar da dinamicidade e da diversidade constitutivas da língua, ainda se busca a norma de prestígio, que é tida como um padrão a ser seguido, de acordo com a gramática tradicional. Naturalmente, a norma padrão é importante para a própria estabilidade da língua. Mas a riqueza da língua é a multiplicidade de normas que a compõe e que garante as possibilidades variáveis de uso, dependendo dos contextos. O acesso à norma padrão, ensinada nas escolas, é um direito que o indivíduo tem de dominar essa variedade e saber quando utilizá-la adequadamente. Sendo múltipla a língua, múltiplas também são suas modalidades de uso, que devem, sempre, estar adequadas à situação comunicativa.

É neste sentido que o jargão futebolístico ganha notoriedade. Por quase sempre apresentarem falas consideradas pobres e carregadas de pleonasmos, os jogadores são vítimas de preconceito linguístico, praticado por falantes que não apenas desconsideram a origem e condições financeiras dos jogadores, que exercem grande influência sobre o repertório linguístico, como também se negam a aceitar a adequação da língua em diferentes contextos, em conformidade com o grau de formalidade exigido pela situação.

No entanto, contrapondo-se à discriminação instalada, muitos termos que constituem o jargão futebolístico encontram-se inseridos no léxico do Português brasileiro, de modo que, frequentemente, recorre-se a expressões capazes de veicular, com maior naturalidade, o que poderíamos dizer de outras maneiras. Com efeito, não pode ser a língua um instrumento de exclusão social, pois

[...] dizer em voz alta que as formas não normatizadas **também** estão corretas é impedir que o conhecimento da norma tradicional seja usado como um instrumento de perseguição, de discriminação, de humilhação do outro, ou como uma espécie de saber exotérico, reservado para alguns iluminados de inteligência superior [...] (BAGNO, 2012, p. 160).

Este trabalho procurou, por fim, ao trazer as vozes de jogadores de futebol, fomentar reflexões que ensejem trabalhos futuros que aprofundem a descrição dessa modalidade da língua.

4. REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tânia. Sociolinguística: parte I. In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez Editora, 2001. p. 21-47.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2012.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2005.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

CAPINUSSU, José Mauricio. *A linguagem popular do futebol*. São Paulo: Ibrasa, 1988.
CARDOSO, Luís. *Crónica de uma travessia: a época do Ai-Dik-Funam*. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 2002.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo; OLIVEIRA, Mariangela Rios de (Orgs.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 141-155.

GLOBO ESPORTE. *Douglas quebra jejum após mais de 500 dias sem marcar*. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Globoesportecom/videos/10156781460435409/>>. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007/2015. Disponível em: <<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>>. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.

OLIVEIRA, Heliécio de; JÚNIOR, Celso Ferrarezi. A influência do futebol no léxico do português brasileiro. *Revista (Entre Parênteses)*. Alfenas: Universidade federal de Alfenas, volume 01, n. 05, p. 01-10, 2015. Disponível em: <<http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/385/277>> Acesso em: 02 de agosto de 2019.

RIBOLDI, Ari. *Cabeça de bagre: termos, expressões e gírias do futebol*. Porto Alegre: AGE, 2008.

RODRIGUES, Gislaine. *A linguagem do futebol no ensino do português*. São José do Rio Preto: UNESP, s/d. Disponível em: <<http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/S1505.pdf>>. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

SÃO PAULO FC. *Coletiva SPFC – Kaká*. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SprKTTKMofE>>. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

WILSON, Victoria; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo; OLIVEIRA, Mariangela Rios de (Orgs.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 71-85.

Contatos: allancordeiro100@hotmail.com e reginahelena.brito@mackenzie.br